

Arquitetura e Moda - Lina Bo Bardi e Glória Coelho: Possíveis Relações entre as Áreas e as Profissionais

N. A. Oliveira^{a, b}

^a *natana_oliveira@hotmail.com*

^b *Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Resumo

O presente artigo tem como base a interdisciplinaridade e apresenta relações pertinentes entre design, moda e arquitetura, focando nas similaridades durante o processo projetual e de criação de produtos dentro dessas áreas. O objetivo é expor as proximidades e interferências que essas disciplinas possuem em seus processos de criação e como os profissionais atuam em cada segmento e como buscam elementos nas outras disciplinas para criar seus produtos. Também é relevante o esclarecimento de que os profissionais podem e devem buscar referências em outras áreas distintas, pois muitas vezes, elas são mais acessíveis e parecidas do que se imagina. Para o desenvolvimento deste estudo foram investigados e analisados os processos de criação de duas profissionais da área de projeto, a arquiteta italiana, naturalizada brasileira, Lina Bo Bardi e a estilista brasileira Glória Coelho. O intuito deste trabalho é empregar o conhecimento obtido durante os cursos de arquitetura e urbanismo e de design de moda para investigar os processos de criação nos dois campos e fazer uma relação entre os dois mostrando suas semelhanças e contribuições entre si.

Palavras-chave: *Arquitetura, Design de moda, Lina Bo Bardi, Glória Coelho.*

Architecture and Fashion - Lina Bo Bardi and Gloria Coelho: possible relations between the areas and the professionals

Abstract

This article is based on interdisciplinarity and presents relevant relations between design, fashion and architecture, focusing on similarities in the design and product creation process in these areas. The goal is to expose the resemblances and interference that these disciplines have in their creative processes and how professionals work in each segment and how they seek elements in other disciplines to create their products. It is also important to clarify that professionals can and should seek references in other distinct areas because often they are more affordable and alike than we think. To develop this article were investigated and analyzed the creation processes of two professionals in the project area, the Italian architect, naturalized Brazilian, Lina Bo Bardi and the Brazilian fashion designer Gloria Coelho. The purpose of this article is to use the knowledge gained during the architectural and urban planning courses and fashion design to investigate the creation processes in both fields and make a relation between the two, showing their similarities and contributions to each other.

Keywords: *Architecture, Fashion design, Lina Bo Bardi, Glória Coelho.*

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura e a moda já vêm sendo associadas antes mesmo do surgimento da terminologia “moda”, que surgiu em meados do século XV no início do renascimento europeu. Essas duas disciplinas, somadas ao design, trocam referências e se assemelham em seus processos criativos. Para Rocha (apud LLEDÓ [10], 2011) as fronteiras entre essas disciplinas, artes e formas de linguagem, tendem a se fragmentar cada vez mais. “É saudável a troca de informações entre as diversas atividades humanas e é normal que, após uma época em que se valorizou a especialização, siga-se um período que valorize a integração entre diversas áreas”.

Os vários tipos de projeto, de acordo com Lawson [9] (2011), lidam com ideias precisas e vagas e exigem

pensamento sistemático e caótico, precisam de ideias criativas e cálculos mecânicos. O autor coloca que um grupo de áreas fica mais próximo do meio dessas atividades que envolvem projetos. Essas áreas exigem que o projetista conceba produtos finais úteis, práticos, que tenham bom funcionamento e, na maioria das vezes, belos. “Nesses campos, na maioria dos casos, é provável que projetar exija considerável especialização e conhecimento técnico, além de imaginação visual e capacidade específica” (LAWSON [9], 2011, p. 16). A arquitetura, o urbanismo, paisagismo, design de interiores, o desenho industrial, o design de produto e de moda fazem parte desse grupo de áreas próximas.

Arquitetura, moda e design são artes integradas e que caminham juntas em constante equilíbrio. Rebouças [16]

(2011, p.26) coloca que nas três áreas é necessário desenhar e projetar tendências. Assim como é essencial criar o novo para o futuro e recriar o passado para o presente, com sensações e percepções. “São pessoais e individuais, imaginativas e idealizadoras, vindas da mente, da sensibilidade ou da alma de cada artista, estilista ou arquiteto”.

Existem muitos pontos de convergência entre as áreas de trabalho relacionadas ao design. A troca de ideias, conhecimentos e métodos entre estes campos é muito glorificado no panorama contemporâneo. A interdisciplinaridade vem sendo um tópico muito importante nas discussões acadêmicas, pois ela contribui e facilita o processo criativo e determina por onde se inicia e o que é esperado do produto final de um design.

Refletirmos sobre o uso de métodos projetuais, nas disciplinas de projeto, tanto de arquitetura quanto de design, é de extrema importância para poder se estabelecer parâmetros entre as disciplinas e como se configuram as produções dos produtos de cada área. Ainda que a moda, como sistema, de acordo com Lipovetsky (1989 apud BROD e CAMARGO [3], 2011), exista desde o final da Idade Média, ainda existem muitas indagações acerca da teoria do projeto de moda, principalmente no que se refere à metodologia projetual para concepção de produtos.

Para Sanches (2008 apud BROD e CAMARGO [3], 2011), ainda há um extenso caminho a ser percorrido na procura por metodologias que direcionem o desenvolvimento de produtos de moda, visto que, o número de bibliografias específicas deste assunto ainda é escasso. Entretanto, sem dúvida, esse será um trajeto promissor se “houver o reconhecimento de que a concepção de tais produtos será mais sólida sob os princípios projetuais do design, tendo em vista a abrangência e a interação multidisciplinar desta atividade”.

Lawson [9] (2011) indaga até que ponto os vários campos usam os mesmos processos e afirma que essa dúvida é tema de considerável discussão. No capítulo 4 as duas projetistas estudadas, Bo Bardi e Coelho, terão seus processos e produtos finais comparados. As características que se assemelham e se divergem e como ambas trabalham para desenvolver seus produtos.

2. ARQUITETURA, DESIGN E MODA E SUAS POSSÍVEIS SEMELHANÇAS

Arquitetura, design e moda, são disciplinas complementares e com muitas semelhanças, entretanto o paralelismo entre esses conteúdos muitas vezes é desconhecido ou mal interpretado. Noelle [15] (2011) afirma que a moda e arquitetura conversam mais do que imaginamos, visto que ambas estão constantemente buscando novas abordagens, visões e experimentações. Santos [17] (2010, p. 01) coloca que “tanto a moda quanto a arquitetura expressam ideias de identidade pessoal, social e cultural”. Essa afirmação também pode se referir ao design em geral.

A arquiteta Mello [11] (2006) aponta que as interferências que são identificadas, entre a arquitetura, o urbanismo, o design e a moda, analisados sob um olhar conceitual, são produtos de expressão artística e cultural que compõem a paisagem das cidades. Para ela, a comunicação coletiva é um dos pontos de partida mais importantes para a análise dessas três disciplinas, que são agentes de um fluxo de informação contínua. As três utilizam uma mesma dinâmica imagética, apoiados em uma linguagem visual imediata, para expressar sentimentos e materializar a ideologia que vai estar refletindo um tempo e um espaço.

Mello e Saback [13] (2007, p. 02), colocam que “a leitura de um espaço urbano pode ser feita a partir do conjunto representado nas imagens das coisas que estão compondo a paisagem”. As três disciplinas; arquitetura, design e moda; são geradores dessas imagens. Quinn (2003 apud MELLO e SABACK [13], 2007, p. 05) “adverte que a arquitetura, isoladamente, não pode construir esse ideal de urbanização e afirma que a moda tem criado atalhos para encontrar soluções para a adaptação ao meio”. Para o autor, as pessoas modernas “habitam o próprio corpo”.

Para Seivewright [18] (2009), a moda e a arquitetura possuem o mesmo ponto de partida, que é o corpo humano. Ambas são capazes de proteger e abrigar, ao mesmo tempo em que fornecem meios para expressar identidade, seja pessoal, política, religiosa ou cultural. Ambas as disciplinas podem expressar ideias de espaço, volume e movimento, além de possuírem práticas similares no modo como exploram os materiais, transformando superfícies planas bidimensionais em formas tridimensionais complexas.

Outros autores que defendem que a roupa pode ser vista, em primeira instância, como o abrigo imediato, mais próximo da pele humana do que qualquer outro elemento que a arquitetura possa conceber são Bogéa, Oliveiros e Rebello [2] (2005). Para eles, as roupas são uma espécie de arquitetura primeira, abrigo que pode ser retirado da pele do homem e que se projeta ampliando sua ocupação. A forma, segundo os autores, revela uma primeira aproximação entre a moda e a arquitetura, assim como para Angelo [1] (2003), que coloca que ambas as disciplinas depuram a forma e buscam a essência do objeto. Este último relata que a arquitetura na moda está ligada à silhueta e à proporção.

De acordo com Feijó e Laguna [6] (2010), moda e arquitetura andam juntas pois ambas expressam tendências e acontecimentos de determinadas épocas com linguagens diferentes. Segundo as autoras, essa proximidade já existe há muito tempo. No início do século XX, a Art Nouveau influenciava a arquitetura, composta por linhas curvas, formas orgânicas e motivos naturais. A moda seguiu a mesma linguagem. Logo após, surgiu o Art Decó. Esse movimento tomou seu espaço na moda, com vestidos retos que nada mostravam do corpo feminino, e na arquitetura, com a tentativa de racionalização dos volumes, rigor geométrico e predominância de linhas verticais e ornamentações pontuais e com materiais que representassem modernidade (FOLLE [7], 2013).

Assim como a indumentária, Seivewright [18] (2009) afirma que, a arquitetura também é capaz de expressar tendências de épocas sendo, muitas vezes, associada a interesses sociais e a mudança na tecnologia, especialmente no que se refere ao uso de novos materiais e técnicas de produção. Um bom exemplo dessa afirmação é o trabalho do arquiteto catalão Antoni Gaudí, no final do século XIX e início do século XX. O interesse do arquiteto pela natureza, pelas formas orgânicas, como é isto na figura 8, e o movimento de arte e vestuário relacionado do qual ele fazia parte, revela essa estreita ligação entre moda e arquitetura.

Alguns designers mais recentes que demonstram semelhanças claras entre as peças que criam e a arquitetura contemporânea que os rodeia são apresentados por Seivewright [18] (2009), o estilista cita o japonês Yohji Yamamoto e Rey Kawakubo. Outros estilistas que trazem perspectivas da arquitetura para seus trabalhos foram citados por Jorge Ayala (apud NOELE [15], 2011), diretor da *Architectural Association School of Architecture*, em Paris. Entre eles estão Gareth Pugh, Viktor & Rolf, Iris van Herpen, Issey Miyake, Hussein Chalayan e Nicolas Ghesquière.

Jorge Ayala (apud NOELE [15], 2011), explica que existem vários processos comuns na arquitetura e na moda, principalmente na fase da concepção. Para Ayala, apesar dessas disciplinas serem vistas, por muitos, como práticas paralelas, há também uma grande diferença, já que os estilistas trabalham em um curto espaço de tempo, que se renova a cada temporada, e os arquitetos tradicionalmente focam em uma obra que ficará conosco para sempre. Ayala conta que, para aproximar as duas áreas, ele rejeita radicalmente as ideias repetitivas de “tendências da estação”, já que a moda não é apenas um conjunto de imagens, e sim um conjunto de forças sócio morfológicas que conecta pessoas por meio de design (NOELLE [15], 2011).

Segundo Broega e Cunha [4] (2007), a arquitetura é considerada a cultura e tradição dos povos, ela é vista como uma herança e patrimônio cultural da humanidade. As autoras colocam a arquitetura como sendo uma “arte maior”, que tem servido ao longo da história como referência e fonte de inspiração para as artes ditas “menores”, como é o caso das artes têxteis. Desde sempre a arquitetura serviu de inspiração para o vestuário, e que essa inspiração pode ser a fonte que permitirá alcançar formas de diferenciação dos produtos de moda, conferindo-lhes individualidade e identidade. Para ambas, a utilização da arquitetura como ponto de partida, além de permitir a criação de produtos inovadores e diferenciados, também mostra a capacidade do designer de moda em cruzar informações vindas das mais diversas fontes e usá-las como inspiração para a criação de novos produtos.

A moda é muito parecida com a arquitetura, tanto no processo de criação quanto na sua execução, às vezes diferenciando em escala e materiais. Muitos processos realizados durante a criação e confecção de peças de vestuário podem ser iguais ou associados aos processos para criação de obras arquitetônicas. Segundo Melo e Scherrer [14] (2010, p.03), a *moulage* pode ser associada à maquete de um projeto arquitetônico, ambos ajudam na “construção” dos projetos. As autoras explicam que a forma está presente tanto na arquitetura quanto na moda, e isso permite a transformação de um monumento arquitetônico em uma “escultura vestual”.

“Nessas disciplinas, o ato de criar é entendido e proposto como um processo dinâmico de construção de desafios” (CASTILLO e DANTAS [5], 2010, p. 01). No desenvolvimento da metodologia e teoria do design, vários autores descrevem o processo de design como uma atividade que é agregada a conceitos de criatividade, fantasia cerebral, senso de invenção e de inovação tecnológica, assim como na arquitetura. Moraes (2006 apud CASTILLO e DANTAS [5], 2010) ressalta que em ambas as disciplinas, a atividade mental está condicionada por fatores e decisões externas “que vão além do projeto, e transcendem o ato projetual”. Trata-se de diversos fatores – produtivos, tecnológicos, mercadológicos, socioeconômicos, e culturais – que suportam e guiam a atividade projetual num cenário de criação fluido e dinâmico, viabilizando as soluções resultantes desse processo.

Tanto a moda quanto a arquitetura expressam ideias de identidade pessoal, social e cultural. Para Santos [17] (2010), o criador nem sempre toma como referência “direta” determinada criação de outra área para desenvolver a sua. Um exemplo que a autora cita é que um estilista pode não se influenciar diretamente por uma construção específica para desenvolver uma coleção, porém o “estilo estético” praticado na época da concepção de tal produto pode certamente fazer parte do repertório de criadores de todas as áreas.

As conexões entre a moda e arquitetura são feitas há muito tempo. Queiroz (1998 apud SANTOS [17], 2010) mostra que essas interlocuções podem ser vistas no trabalho de alguns estilistas europeus da década de 60, quando iniciam o uso de materiais “alternativos” na concepção de suas peças. Segundo a autora, um bom exemplo para ilustrar essa colocação é o trabalho de André Courrèges, na década de 60, que como discípulo de Le Corbusier, busca a adequação perfeita entre matéria e forma, e começa a utilizar materiais como verniz e vinil em suas criações. Outro criador lembrado é Charles James, que ficou conhecido como “o maior arquiteto da moda” entre as décadas de 30 e 50, e era respeitado por todos os grandes costureiros da época, por ter uma forma diferente de estruturar suas roupas do que se praticava até então.

É fundamental e necessário, de acordo com a pesquisadora Rebouças [16] (2011), saber ler e interpretar os fenômenos da moda, para que a mesma seja criada. É de extrema importância entender o processo criativo desde a concepção, produção e significados do planejamento das coleções. Por esse motivo, busca-se desvendar esse processo: a transformação de uma ideia abstrata em um objeto palpável / vestível, um estilo, uma marca e mais, um objeto de desejo. A autora afirma que:

A moda assemelha-se a arquitetura nos conceitos que dão origem às concepções em que quase tudo é tridimensionalmente concebido, a partir de um desenho bidimensional. Pode-se entender que os profissionais dessas áreas partem de conceitos idênticos para desenvolver estudos sobre as mesmas questões (REBOUÇAS [16], 2011, p. 11).

Ambas as disciplinas, segundo Rebouças [16] (2011), trabalham com volume, estrutura, transparência, cortes e recortes; ambas protegem e abrigam corpos. A moda, além de interferir e se inserir diretamente na arquitetura, pode dela se inspirar. Para a pesquisadora, os artistas, arquitetos e urbanistas resolvem problemas comuns aos dos produtos de moda como os volumes, as linhas, as cores, o equilíbrio e os ritmos, para então chegarem a uma forma, que é a medida do espaço. O processo de criação de um estilista, arquiteto, designer ou artista é semelhante devido ao trabalho de pesquisa, fonte de inspiração e transformação. O que o torna o trabalho único e autoral é exatamente o que ele faz com isso ao desenvolver características particulares, gostos, estilo, enfim, uma identidade.

Para se interpretar um estilo presente no design de um objeto projetado como produto de moda, é necessário compreendê-lo além da sua imagem. Essa consideração feita por Mello [12] (2008) fez com que a mesma iniciasse uma reflexão sobre as interferências entre a arquitetura, o design e a moda. A autora configura esses três vetores como elementos que se encontram interfaceando tudo que pode ser contemporaneamente planejado, projetado e produzido.

As interferências entre o Design, a Moda, a Arquitetura e o Urbanismo, de acordo com Mello [12] (2008), mostram que existem diversos pontos de congruência, que se revelam sob aspectos diversos, entre as criações de produtos de moda atribuídos à arquitetura ou ao design. A autora coloca que os profissionais dessas áreas partem de conceitos idênticos para desenvolver estudos sobre as mesmas questões: espacialidade, ergonomia, forma, funcionalidade, elementos de adorno, técnicas construtivas. Para ela, os arquitetos e designers devem resolver, nos croquis, empecilhos semelhantes aos criadores dos produtos de moda.

Para Mello [12] (2008), as interfaces entre a arquitetura, o urbanismo e a moda são estabelecidas a partir das variadas relações conceituais, materiais, formais e espaciais, presentes

no design. A arquiteta afirma que é possível utilizar um conceito para o desenvolvimento de produtos de moda, bem como na elaboração de um projeto urbano ou arquitetônico. Ela também coloca que a arquetonicidade refere-se à arquitetura não como um produto, mas como um projeto, cuja essência, assim como a da moda e do urbanismo, está no desejo, no desenho, no projeto. A autora ainda afirma que as “modas” são o reflexo de um tempo, manifestando uma cultura, através do design, da arquitetura e do urbanismo, e também da sociedade e da arte. Também é perceptível um fenômeno que extrapola os próprios conceitos e influencia outras áreas de conhecimento, concebendo uma geometria transversal e interagindo com as mais diversas disciplinas do saber.

3. INTERFACE NOS PROCESSOS PROJETOIS

Vários autores, desde a década de 1960, de acordo com Wilson [21] (2009), têm debatido um conjunto de propriedades (denominadas invariantes ou constantes) comuns aos processos de projeto em arquitetura e design. Para o autor, por se tratar de um problema mal estruturado, os projetos partem de poucas definições relativas aos objetivos que se deseja alcançar.

Podemos considerar, segundo Lawson [9] (2011, p. 16), - até certo ponto - genérica a atividade de projetar, porém, ainda assim parece haver disparidades reais entre os produtos finais criados por projetistas de vários campos. O autor coloca uma questão sobre a interface nos processos projetuais: “Até que ponto os projetistas têm processos em comum e até que ponto esses processos variam de um campo a outro e entre indivíduos”. Para Lawson [9] (2011, p.21) “o certo é que projetar é uma atividade mental distinta”. A atividade de projetar é bem variada e cada projetista emprega processos bastante diferentes, seja qual for a sua formação.

“Uma das dificuldades essenciais e fascinantes de projetar é a necessidade de adotar tantos tipos de pensamento e conhecimento”. A atividade de projetar abrange um processo mental sofisticado, “capaz de manipular muitos tipos de informações, misturando-os num conjunto coerente de ideias e, finalmente, gerando alguma concretização dessas ideias”. Para o autor, essa concretização assume, normalmente, a forma de um desenho ou outros produtos. “Projetar é uma habilidade altamente complexa e sofisticada. Não é um talento místico concedido [...] mas uma habilidade que tem de ser aprendida e praticada” (LAWSON [9], 2011, p. 25).

Lawson [9] (2001, p. 24) afirma que para muitos tipos de projeto “é importante não apenas ter competência técnica, como também uma avaliação estética bem-desenvolvida”. É comum os projetistas tenderem a trabalhar de maneira muito visual. O projetista, quase sempre desenha, muitas vezes pinta e, com frequência, constrói maquetes e protótipos. “A imagem arquitetônica do projetista é de alguém sentado à prancheta. Mas o que fica claro é que ele exprime as suas ideias e trabalha de um modo muito gráfico e visual”.

Rebouças [16] (2011) afirma que os critérios para julgar a criação de uma obra arquitetônica ou uma peça de roupa são os mesmos:

Ao analisar um produto quanto à sua elaboração, deve-se considerar três pontos importantes: o objeto de inspiração, contemporaneidade da forma e estética, noção do belo. Ao analisar um produto quanto à sua adequação, deve-se considerar funcionalidade e aspectos comercial e cultural do produto. (RECH, 2002, p. 72 apud REBOUÇAS [16], 2011, p. 66)

Em relação aos objetos de inspiração das profissionais é possível notar a admiração das duas pela cultura. Enquanto Bo Bardi se inspira, mais especificamente, na cultura brasileira, principalmente na cultura nordestina, Coelho vai buscar inspirações na literatura, cinema, astrologia e inclusive arquitetura. Ambas também possuem uma forte influência das artes plásticas.

Após a coleta de inspirações e referências, surgem os croquis e desenhos esquemáticos (fig. 1 e 2), que dão as primeiras formas dos produtos, e depois os desenhos finais.

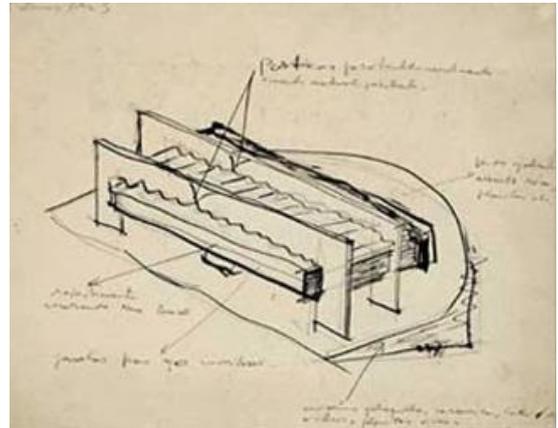


Figura 1: Croqui do MASP - Lina Bo Bardi.

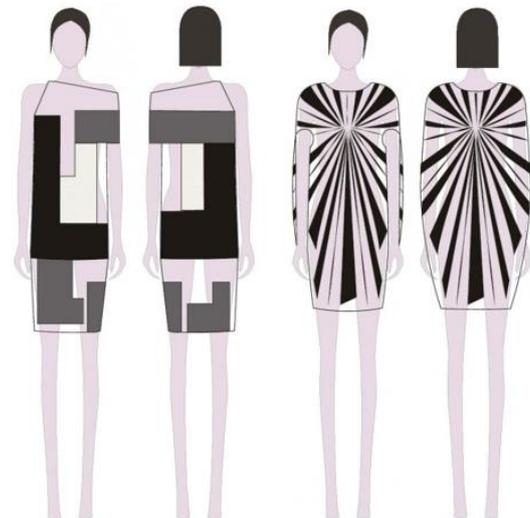


Figura 2: Croquis - Glória Coelho.

A moda sempre criou estruturas. Às vezes sutilmente esculpidas em tecido, mas tecnológica e inovadora como as formas dos edifícios. Quando um estilista desenvolve uma coleção ele escolhe evidenciar aspectos do corpo, criando volumes e texturas. O arquiteto também pode apresentar objetos dessa maneira. (LUCCHESI, 2010, p.01 apud REBOUÇAS [16], 2011, p. 66)

Muitas vezes, antes mesmo do desenho do produto, os projetistas devem pensar em como essa roupa ou edificação irá se “comportar”. Como esses produtos irão se sustentar, sua aparência e materialidade. Nesse sentido, é de extrema importância dar atenção a estrutura dos produtos (fig. 3 e 4), e essa é uma das características mais fortes de ambas profissionais. Pensar a estrutura é essencial para a composição final de seus produtos.

Assim como a estruturação, a materialidade é outro elemento muito presente e bastante característico das profissionais. Para Lawson [9] (2011), os projetistas não

decidem apenas o efeito que querem obter, também têm de saber como obtê-lo, sendo assim eles necessitam empregar os seus conhecimentos tecnológicos pertinentes ao seu campo. A tecnologia empregada em cada produto é essencial para atingir os fins desejados. "Os projetistas não podem mais ser treinados para seguir um conjunto de procedimentos [...] Eles têm de aprender a avaliar e aproveitar a nova tecnologia enquanto ela se desenvolve" (LAWSON [9], 2011, p. 18).



Figura 3: Teatro Oficina - Lina Bo Bardi e Peça da coleção Inverno 2010 - Glória Coelho.

Tanto Bo Bardi quanto Coelho possuem profundo conhecimento dos materiais empregados em seus produtos e sabem manipular os mesmos para dar o efeito desejado e a materialidade necessária que é tão característico das profissionais. Como já dito anteriormente, a materialidade da arquitetura de Bo Bardi possui uma diversidade de referências e possui sofisticados mecanismos de invenção, assim como a materialidade das peças de Glória Coelho. Ambas exploram todo o potencial plástico das matérias-primas, sejam elas o algodão, linho, seda, viscose, poliéster e nylon, no caso da estilista, ou o tijolo, barro batido, madeira, vidro, aço e concreto, para a arquiteta.



Figura 4: Casa de Vidro - Lina Bo Bardi e Peça da coleção Inverno 2013 - Glória Coelho.

O urbanista brasileiro Lucio Costa (apud REBOUÇAS [16], 2011) afirma que a intenção plástica é o que distingue a arquitetura da simples construção. "Relacionando esta afirmação com o campo da moda, além de intenção plástica, a busca pelo novo distingue a roupa carregada de significados". A autora coloca que junto da forma deve sempre existir uma função, que pode se alterar ou não.

No design, há uma interação total entre forma e função, porém fugindo da rígida definição arquitetônica segundo a qual "form follows function". No styling, trata-se de renovar formas, mantendo a função e, além disso, mudando de tempos em tempos a aparência

externa do produto. Em resumo, moda. (TEPERMAN, 2008, p. 01 apud REBOUÇAS [16], 2011, p. 66)

Bo Bardi em certo momento de sua carreira começa a dar lugar à arquitetura somente como suporte de função. Assim como Coelho, que busca uma qualidade funcional em suas peças multiformes, indo além da forma.

A arquiteta sempre deu muita atenção aos detalhes construtivos. De acordo com Tannuri [19] (2008, p. 90), "há em seus projetos arquitetônicos arrojados detalhes construtivos empregados em soluções adotadas como na escada helicoidal projetada para o Teatro Gregório de Mattos". É possível notar que a arquiteta utiliza de soluções estruturais ousadas e que compõem um desenho com elementos expressivos e rigorosa atenção aos detalhes. A autora afirma que é sempre visível a presença de um elemento forte nas construções de Lina Bo Bardi. As produções de Glória Coelho não são diferentes. A estilista sempre atenta aos mínimos detalhes, na união de tecidos distintos, nos desenhos dos bordados ou na estruturação das famosas fitas. Os elementos de peso também são facilmente encontrados nas criações da estilista.



Figura 5: Escada do Teatro Gregório de Mattos - Lina Bo Bardi e Peça da coleção Inverno 2013 - Glória Coelho.

Ainda é possível perceber os detalhes nos jogos cheios e vazios que a estilista coloca em algumas de suas coleções. Essa técnica é bastante conhecida na produção arquitetônica como em aberturas – janelas – de uma fachada. A arquiteta também utiliza desse recurso para criar produtos mais interessantes (fig.6).



Figura 6: Aberturas do SESC Pompéia - Lina Bo Bardi e Peça da coleção Verão 2004 - Glória Coelho.

As texturas também são elementos sempre presentes no trabalho das profissionais. Lina Bo Bardi aproveita a mescla de materiais para criar sensações diferentes dentro dos espaços, enquanto Glória usa apliques para criar texturas, volumes e efeitos (fig. 7) em suas peças.



Figura 7: Rugosidades e texturas do SESC Pompéia - Lina Bo Bardi e Texturas e apliques em tecidos - Glória Coelho.

Durante a trajetória profissional das duas projetistas é possível perceber mudanças substanciais tanto na forma quanto no emprego dos materiais e no desenvolvimento dos produtos. Ambas passaram por uma fase mais artesanal e com soluções mais singelas (fig. 8) e também passaram por uma fase de soluções mais imponentes e tecnológicas. Elas também tiveram fases com formas mais rígidas e geométricas (fig. 9) e outras fases com formas mais soltas e orgânicas, livres do formalismo (fig. 10).



Figura 8: Escada do Museu de Arte Moderna da Bahia - Lina Bo Bardi e Verão 2004 e Inverno 2005 - Glória Coelho.



Figura 9: Cadeira Girafa e Cadeira Frei Egídio (1987) - Lina Bo Bardi Sandália coleção verão 2012 - Glória Coelho.



Figura 10: Cadeira Bowl (1951) - Lina Bo Bardi e Sandália coleção verão 2010 - Glória Coelho.

Dentro dos processos que as duas profissionais seguem para chegar aos seus respectivos produtos finais, é importante levar em conta que ambas participam de todas as etapas minuciosamente, desenhando, organizando, fazendo escolhas e muitas vezes, refazendo algumas dessas, para que no final tudo sai como o planejado.



Figura 11: Lina Bo Bardi no canteiro de obras conversando com o mestre de obras.



Figura 12: Glória Coelho no backstage do seu desfile fazendo últimos ajustes.

4. CONCLUSÃO

“A discussão do processo de projeto demonstra a complexidade inerente ao processo. O objeto (projeto) seja ele uma edificação, cadeira ou parque, não é definido no ato, mas se constrói através da evolução do processo de projeto” (KOWALTOWSKI, CELANI, et al. [8], 2006, p. 16). As diretrizes e as pesquisas no campo da criação, inovação e ensino de arquitetura e design ainda são recentes. Para Castillo e Dantas [5] (2010), em um mundo onde o excesso de informação restringe e por vezes corrompe, o pensamento criativo e inovador torna-se cada dia mais importante na busca por tornar claro e atingível o processo de projeção.

Com a pesquisa realizada para o desenvolvimento deste trabalho foi possível perceber que o processo de projeto é um método de aprendizagem. O projetista analisa, estuda e esboça o objeto e as condições de uso do mesmo. Essa pesquisa precisa do amparo de várias formas como referências, desenhos, modelos, protótipos, simulações, cálculos e discussões. O bom desenvolvimento desse sistema incide diretamente no processo projetual e na qualidade do projeto e do produto. É de extrema importância conhecer a metodologia de projeto, pois esta caracteriza o profissional e os métodos de projeto auxiliam os projetistas e servem como base para o ensino, na formação de futuros profissionais.

A atividade de projetar é comum há muitas disciplinas, entretanto pode ser bem distinta entre elas e entre os profissionais. Ficou claro durante a pesquisa que os processos de projeto de arquitetura e do design são bastante próximos e, muitas vezes, influenciam um ao outro. Essa interdisciplinaridade é muito valorizada e um fator bastante positivo no resultado dos produtos. Rocha apud

Zandomeneco [20] (2011, p.97) afirma que “é saudável a troca de informações entre as diversas atividades humanas e é normal que, após uma época em que se valorizou a especialização, siga-se um período que valorize a integração entre diversas áreas”.

É perceptível que a arquitetura, o design e a moda, são disciplinas complementares e possuem muitas semelhanças e vários processos em comum, principalmente na fase da concepção. Também foi possível fazer um levantamento de alguns profissionais que, de alguma forma, unem as duas disciplinas para criar seus produtos. Entre estes especialistas, no Brasil se destaca a arquiteta Lina Bo Bardi que transita entre a arquitetura, o design e o artesanato, e a estilista Glória Coelho, que inicialmente buscava apenas inspiração na arquitetura para suas peças e depois passou a usar das formas, e métodos arquitetônicos para “construir” seus produtos.

Através da pesquisa e do levantamento de alguns trabalhos realizados pelas profissionais, foi possível levantar algumas características marcantes na trajetória das duas. É possível perceber que algumas etapas do processo projetual de ambas se assemelham em alguns aspectos como, por exemplo, as duas iniciam seus trabalhos com pesquisas e depois partem para os croquis. Elas utilizam e tiram proveito da estrutura para compor seus produtos finais. Também aproveitam a mescla e a textura de materiais, e até mesmo a mudança de forma, hora mais rústicas e artesanais, hora mais industriais, geométricas e simples. Ambas buscam criar produtos com resultados sensoriais e que agradem tanto o visual, como sejam funcionais para os usuários.

O que também aproxima o trabalho das duas projetistas é que ambas “fogem” de suas profissões base. A arquiteta Lina Bo Bardi projeta móveis, criados para cada um de seus projetos arquitetônicos, também desenha suas próprias joias e se arrisca, até mesmo, no desenho de roupas, como os uniformes desenhados para os funcionários do SESC Pompéia. Enquanto Glória Coelho, além das vestimentas, elabora os acessórios e calçados de suas coleções e também já assinou linhas de móveis.

Para Zandomeneco [20] (2011) essa prática de atuar em diversas áreas está se tornando cada vez mais comum e torna o profissional muito mais competente. Fernández e Roig (2010 apud ZANDOMENECO [20], 2011, p.98) colocam que muitos artistas se associam e colaboram com designers de moda e estes, por sua vez, “fazem o mesmo com músicos, designers industriais, ilustradores, decoradores ou arquitetos [...] Os limites entre as diferentes disciplinas artísticas parecem dissolver-se”. Os limites entre a arquitetura, o design e as artes plásticas estão cada vez mais difusos. Atualmente é possível atentar que as disciplinas artísticas se aproximam e muitas vezes, se assemelham, graças a um denominador comum, a criatividade.

As colaborações e interferências entre essas áreas são as mais diversas e vão além das apresentadas nesse trabalho. A proximidade e os pontos em comum detectados, de acordo com Zandomeneco [20] (2011), denotam a proximidade destas disciplinas, que à primeira vista são tão distintas e distante uma da outra. Esse é o principal objetivo do trabalho, apresentar e esclarecer a relação que existe entre essas duas áreas e mostrar que os profissionais podem e devem buscar referências em outras áreas distintas, pois muitas vezes, elas são mais acessíveis e parecidas do que se imagina.

É possível notar que profissionais de áreas distintas podem usar os mesmos processos ou o mais semelhante possível e que, muitas vezes, profissionais da mesma área possuem processo diferentes. Cabe a cada profissional

conhecer a metodologia básica para depois desenvolver sua própria forma de projetar.

As profissões que almejam novas soluções e resultados inovadores para os problemas, podem e devem se associar para obter resultados melhores e gerar vínculos importantes e inovadores para a sociedade. No cenário contemporâneo, a busca por profissionais flexíveis e adeptos da interdisciplinaridade é intensa. Os projetistas, de acordo com Zandomeneco [20] (2011), devem estar abertos a novas possibilidades e alternativas para melhorar seus trabalhos e também devem agregar as profissões que escolheu, sabendo que só com criatividade se quebram barreiras.

Pensar para projetar é uma habilidade [...] habilidade muito complexa e sofisticada, mas que ainda assim pode ser analisada, decomposta, desenvolvida e praticada. Entretanto, no final para obter o melhor resultado, os projetistas precisam ... esquecer tudo o que lhes ensinaram sobre a técnica e simplesmente agir! (LAWSON [9], 2011, p. 26)

REFERÊNCIAS

- [1]. ANGELO, Vitor. Essa tal de arquitetura na moda. Junho, 2003. Disponível em: <<http://dusinfernus.wordpress.com/2007/06/30/essa-tal-de-arquitetura-na-moda/>> Acesso em: 31 de ago. 2014.
- [2]. BOGÉA, Marta; OLIVEIROS, Ricardo; REBELLO, Yopanan. Arquiteturas & estruturas. Revista AU, Edição 133 - Abril/2005. Disponível em: <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/133/arquiteturas-estruturas-e-moda-22714-1.asp>. Acessado em: 31 de ago. 2013.
- [3]. BROD Júnior, Marcos; CAMARGO, Cariane Weydmann. Design de moda: ensino de projeto de produto centrado nas necessidades do usuário/consumidor. Modapalavra. E-periódico. Ano 4, n.8, jul-dez (2011).
- [4]. BROEGA, Cristina; CUNHA, Joana. A arquitetura monumental como fonte de inspiração de vestuário de moda: uma experiência acadêmica. Portugal. Anais do 3º Colóquio de Moda, Belo Horizonte, Brasil, Outubro 2007.
- [5]. CASTILLO, Leonardo; DANTAS, Ney. CPM – Creation Process Management: Considerações sobre o processo de criação em alunos de design e arquitetura. Pernambuco. Anais do 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo: Blücher e Universidade Anhembi Morumbi, 2010.
- [6]. FEIJÓ, Fabiana; LAGUNA, Paula. Moda e arquitetura. Outubro, 2010. Disponível em: <http://feijoelaguna.blogspot.com.br/2010_10_24_archive.html> Acesso em: 24 de mar. 2014.
- [7]. FOLLE, Suelen. Moda e arquitetura andam juntas. Maio, 2013. Disponível em: <<http://suelenfolle.blogspot.com.br/2013/05/dica-da-suca-moda-e-arquitetura-andam.html>> Acesso em: 24 de mar. 2014.
- [8]. KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornélie Knatz; CELANI, Maria Gabriela Caffarena; MOREIRA, Daniel de Carvalho; PINA, Sílvia Aparecida Mikami G.; RUSCHEL, Regina Coeli; SILVA, Vanessa Gomes da; LABAKI, Lucila Chebel e PETRECHE, João Roberto. Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 6, n. 2, abr./jun. 2006.
- [9]. LAWSON, Bryan. Como arquitetos e designers pensam. 4ª edição, São Paulo, Oficina de Textos, 2011.
- [10]. LLEDÓ, Maria Júlia. Design tanto na moda como na arquitetura. Jornal Correio Braziliense. Set. 2011. Disponível em: <http://opopular.lugarcerto.com.br/app/401,60/2011/09/14/interna_decoracao,45256/design-

- tanto-na-moda-como-na-arquitetura.shtml> Acesso em: 01 de ago. 2014.
- [11]. MELLO, Márcia Maria Couto. As interferências entre a arquitetura, o urbanismo e a moda, na definição de um estilo para o século XXII. PPGAU, FAUFBA, Bahia. Anais do 2º Colóquio de Moda, Salvador, Bahia, Outubro 2006.
- [12]. MELLO, Márcia Maria Couto. Design, moda, arquitetura, urbanismo: uma geometria transversal. In: PIRES, Dorotéia Baudy (org.). *Design de moda: olhares diversos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008 (p.75-93)
- [13]. MELLO, Márcia Maria Couto; SABACK, Virginia. Os modos e as Modas nas Construções Imagéticas das Cidades. In: 3 Colóquio Nacional de Moda, 2007, Belo Horizonte. Anais do 3 Colóquio Nacional de Moda, 2007.
- [14]. MELO, Júnia; SCHERRER, Rachel Rios. A importância da moulage na concretização da criação. Belo Horizonte, 2010.
- [15]. NOELLE, Stephanie. Relação entre moda e arquitetura vira disciplina em salas de aula. Abril, 2011. Disponível em: <<http://ffw.com.br/noticias/moda/relacao-entre-moda-e-arquitetura-vira-disciplina-em-salas-de-estudo/>> Acesso em 31 de ago. 2014.
- [16]. REBOUÇAS, Thereza de Paula. Glória Coelho. Juiz de Fora, 2011.
- [17]. SANTOS, Luciana Collin de Castro. O corpo como protagonista das possíveis conexões entre moda e arquitetura. Centro Universitário Senac, São Paulo. Anais do 6º Colóquio de Moda, São Paulo, São Paulo, setembro, 2010.
- [18]. SEIVEWRIGHT, Simon. Pesquisa e Design: Coleção Fundamentos de Design de Moda. Editora Bookman, 2009.
- [19]. TANNURI, Fabiana Luz. O processo criativo de Lina Bo Bardi. Dissertação de mestrado, USP. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-27042010-144717/>> Acesso em: 05 de set. 2014.
- [20]. ZANDOMENECO, Ingrid Etges. O corpo e o lugar. As relações entre moda e arquitetura. UDESC, Florianópolis, 2011.
- [21]. WILSON, Florio. Criatividade, cognição e processo de projeto: uma reflexão sobre o ensino-aprendizagem. IV PROJETER, São Paulo, outubro 2009.